

# Recent Issues in Analysis of Behavior

Anita Liberalesso Neri\*

SKINNER, B. F. *Recent Issues in Analysis of Behavior*. Columbus/Ohio, Merril Publ. Co., 1989. 147p.\*\*

O último livro de B. F. Skinner (1904-1990), *Recent Issues in Analysis of Behavior*, chegou às livrarias em 1989. É o quinto volume de uma série de coletâneas de artigos publicados entre 1959 e 1988. Reúne trabalhos publicados de 1986 a 1988. É dedicado a questões teóricas e profissionais e destinado a psicólogos e analistas de comportamento.

Na primeira parte são discutidas questões que permanentemente têm permeado a análise comportamental: o lugar dos sentimentos, da mente e do eu na análise do comportamento; o comportamento verbal e a determinação biológica do comportamento. A cada parágrafo Skinner confirma a sua posição empírico-descritiva diante do comportamento e de sua ciência, esta considerada como um ramo da ciência natural. Dessa forma, não há por que buscar causas nas estrelas, na mente, num eu iniciador ou no sistema nervoso. O comportamento é controlado pelas conseqüências, e mesmo a importante parcela residente "sob a pele" das pessoas está sujeita a esse mesmo princípio geral. A parte biológica deve ser deixada a cargo dos filósofos, geneticistas, neurologistas e etnólogos. A ciência da cultura deve dar conta das

mudanças ocorridas nos agrupamentos humanos ao longo de seu processo evolutivo. O âmbito próprio à Ciência do comportamento é o das relações entre ele e os ambientes atuais e passados, dos quais é função. O behaviorismo, por sua vez, é a filosofia dessa ciência, ou o modo como o behaviorista a vê.

Do primeiro ao último capítulo, Skinner não poupa críticas nem ao behaviorismo metodológico, nem ao cognitivismo. A crítica ao primeiro é centrada no fato de haver negado *status* científico ao mundo privado dos sentimentos e da mente, porque só são acessíveis através da introspecção. Esta não é uma posição satisfatória e teria prestado um desserviço à ciência natural do comportamento, resume o autor. Além disso, continua, o que as pessoas sentem e pensam é tão importante quanto o que fazem. Lamenta a inexistência de uma adequada ciência (natural) dos eventos privados e representa sua alternativa, que neste livro assumiu a forma de uma saborosa e instigante análise etimológica de termos e expressões utilizadas há séculos pelas culturas, para designar eventos privados da vida afetiva e da cognição. A análise cuidadosa, que passa pelas origens gregas, latinas, bretãs, teutônicas e saxônicas de palavras como "amor", "ansiedade", "medo", "comportamento", "atitude", "sentimento", "cognição", "eu", "intenção", "percepção", "idéia", "imagem", "mente", "memória", "pensamento", "sensação", "desenvolvimento", "aprendizagem" e correlatas, tenta demonstrar ao leitor que, antes de servirem para referenciar eventos não-observáveis, elas serviram para designar eventos públicos ou corporais. E sentencia:

Por séculos e séculos o comportamento foi se tornando progressiva-

(\*) Professora-livre-docente do Departamento de Psicologia Educacional, Faculdade de Educação, Unicamp.

(\*\*) Traduzido no Brasil, por Anita Liberalesso Neri, para a Editora Papirus, Campinas, 1990.

mente mais complexo, à medida que passou a ser controlado por ambientes mais complexos. O número e a complexidade das condições corporais sentidas ou observadas introspectivamente desenvolveram-se de forma paralela, e com elas desenvolveu-se o vocabulário do pensamento cognitivo (p. 25).

Esse vocabulário é igualmente útil ao leigo, ao analista comportamental e ao psicólogo cognitivista, quando precisam se comunicar na vida cotidiana. Mas não à ciência, que até pode usar tais termos, mas não sem antes descobrir as complexas interações indivíduo-meio responsáveis pelos comportamentos designados ou explicados por eles.

A crítica à psicologia cognitivista prende-se ao fato de haver adotado modelos neurológicos, matemáticos e cibernéticos para explicar o funcionamento da “mente”. Para Skinner, longe de responderem às velhas questões sobre o monismo, o dualismo e o interacionismo, com essa adoção os cognitivistas apenas criaram uma ciência descritiva, uma linguagem, um punhado de constructos que acabaram assumindo posição causal na explicação do comportamento. Nada de novo portanto, e também não uma verdadeira ciência da mente. Em 1948, Skinner publicou um romance denominado *Walden Two* (no nome uma referência à “Walden”, o local utópico idealizado por Thoreau), que representou uma antecipação faccional do que, nas décadas seguintes, viria a ser chamado de análise comportamental aplicada. Nesse livro e, depois, em *Beyond Freedom and Dignity* (1971), ele afirma sua preocupação com os fins, os meios e os produtos da aplicação da análise comportamental ao delineamento de culturas. O problema é que o controle comportamental pela escola, a psicoterapia, a religião, o governo e outras instituições sociais é baseado em contingências excessivamente imediatas, que pouco se relacionam com as consequências remotas que representam. Ou

seja, tudo funciona como que para preparar as pessoas para viverem num mundo futuro, mas pouco ou nada se faz para prepará-las para construírem um mundo no qual possam viver melhor. Evidentemente a receita para o sucesso nessa empreitada reside na análise cuidadosa das contingências responsáveis pelo comportamento e na construção de tecnologias comportamentais baseadas nessa análise. A terapia comportamental operante, a instrução programada e as máquinas de ensino são apresentadas por Skinner como modelos resultantes desse raciocínio.

No capítulo sobre “A Escola do Futuro”, o autor inicia exigindo o direito de se citar e se repetir, para explicar por que o ensino e a escola vão mal. É triste, mas os apostadores continuam a jogar porque às vezes ganham, mas nós prosseguimos com o mesmo sistema na educação, porque às vezes os professores ensinam bem (p. 86).

Alguns são grandes professores, mas seriam bons em qualquer profissão; alguns alunos são ótimos estudantes, mas apesar da escola, arremata ele. A escola é um ambiente preponderantemente verbal, onde se acredita e se atua como se o conhecimento fosse mais bem aprendido através da descrição (regras) e não por compreensão (contingências). É este, aliado ao uso da punição, o principal problema da escola.

Ainda na década de 1950, Skinner ressuscitou a idéia de “máquinas de ensino” para apresentar material programado, segundo os princípios da análise comportamental. Foi duramente criticado pelos psicólogos humanistas e cognitivistas e pelos praticantes do ensino.

Quarenta anos mais tarde, ele continua criticando a escola, o uso que físicos, matemáticos, psicólogos e pedagogos fizeram do conhecimento disponível no cognitivismo e enfim a não-emergência de uma solução alternativa à sua, que se tivesse demonstrado

eficaz para solucionar os problemas enfrentados pela escola. Aponta o computador como a máquina de ensino ideal, só que (de novo) não como substitutivo ou multiplicador do professor, mas sim para veicular material programado, trazer a “vida real” para dentro da sala de aula e ensinar o aluno a pensar.

Na escola do futuro, os alunos dependerão mais tempo diário e mais anos de suas vidas. Comparecerão porque se sentirão atraídos por ela, e não por medo da punição por faltarem. Graças à tecnologia comportamental, a escola ensinará mais e melhor em menos tempo; os professores terão mais tempo para si e para os alunos; atuarão mais como conselheiros e — maravilha — ensinarão bem a todos os estudantes. Em troca, o ensino será uma profissão satisfatória, valorizada socialmente e bem-remunerada. Cidadãos mais educados terão mais responsabilidade pelo futuro do mundo e viverão num mundo melhor para todos. O cerne da questão não está em perguntar se a escola é possível, mas, sim, em admitir que a atual é inviável. A realização desses devaneios utópicos depende da adoção da tecnologia de educação derivada da análise comportamental. Pequenos sucessos lentamente engendrarão outros cada vez maiores e significativos. Naturalmente, diz ele, como a noite vem após o dia. Nada de novo para quem leu o *Science and Human Behavior* (1953), ou *Technology of Teaching* (1968) e passou pelo sonho de *Walden Two* (1948).

Os três capítulos finais, intitulados “questões pessoais”, constituem um verdadeiro memorial em que Skinner

detalha as origens e as alterações do seu pensamento ao longo de uma carreira de sessenta anos, iniciada em 1928 em Harvard, com um curso de pós-graduação em Psicologia. Então, o behaviorismo só tinha quinze anos, e o jovem estudante graduado em Línguas e Literatura, com especialização em Línguas Românicas, viu-se repentinamente convertido a essa filosofia da ciência, após a leitura de *behaviorism* de Watson (1925) e de *Philosophy* de Bertrand Russel (1927). A essas influências vieram se somar a dos físicos Mach e Bridgman, do biólogo Loeb e do filósofo Wittgstein (do Círculo de Viena). Skinner se autodenomina “neobehaviorista” (ao lado de Hull e Tolman) e se coloca à margem do behaviorismo metodológico. Um relato pessoal singular dá conta da sucessão de mínimos arranjos cotidianos, alguns dos quais reconhecidos como casuais, arbitrários, fortuitos mesmo, e que foram responsáveis pela construção de um sistema de princípios, ao qual ele rejeita o *status* de teoria. Discute os pontos-chave de seu *Behavior of Organisms* (38), surpreendentemente critica a sua inspiração dualista e a mostra como âncora de sua produção posterior em análise comportamental e filosofia.

Ao término de seu último livro, o velho Skinner não tem mais certeza de que o homem conseguirá planejar um modo de vida em que todos serão felizes. Contudo, guarda a convicção de que, se isso um dia for possível, “será com a ajuda de uma psicologia que, como afirma Watson, é um ramo puramente objetivo-experimental da ciência natural” (p. 135).

## Referências bibliográficas

- RUSSEL, B. *Philosophy*. New York, Norton, 1927.
- SKINNER, B. F. *The Behavior of Organisms*. New York, Appleton-Century Crofts, 1938.
- \_\_\_\_\_. *Walden Two*. New York, McMillan, 1948 (trad. bras. de Raquel Moreno e Nelson R. Saraiva, São Paulo, Herder, 1972, *Walden Two. Uma Sociedade do Futuro*.)
- \_\_\_\_\_. *Science and Human Behavior*. New York, McMillan, 1953, (Trad. bras. de Rodolpho Azzi e João Cláudio Todorov. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 1970. *Ciência e Comportamento Humano*.)
- \_\_\_\_\_. *Technology of Teaching*. New York, Appleton-Century Crofts, 1968. (Trad. bras. de Rodolpho Azzi. São Paulo, EPUEDUSP, 1972. *Tecnologia de Ensino*.)
- \_\_\_\_\_. *Beyond Freedom and Dignity*. New York, Knopf, 1971. (Trad. bras. de Leonardo Goulart e Maria Lúcia Ferreira Goulart. Rio de Janeiro, Bloch, 1972. *O Mito da Liberdade*.)
- WATSON, J. B. *Behaviorism*. New York, W. W. Norton, 1925.

